O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2013 - ANO XVI - Nº 199

EDITORIAL

Os milhões e milhões de brasileiros que foram às ruas, no mês passado, pedir melhorias dos serviços públicos e gritar que os políticos não os representam não estão mais órfãos. Eles encontraram na figura do papa Francisco um exemplo de governante a ser imitado – para quem não sabe, além de ser o líder da Igreja Católica, o papa é Chefe de Estado, já que o Vaticano é uma cidade-estado com todas as características de um país independente.

Os gritos contra a corrupção e por mais dignidade de vida encontraram eco no Santo Padre.

Um mês após as manifestações que tomaram conta das ruas do país e fizeram os políticos criarem agendas positivas, bastou uma semana de Francisco no Brasil para se perceber que é possível governar pensando nos mais pobres.

Se os políticos e seus partidos foram repelidos quando tentaram se juntar aos atos públicos, o povo literalmente correu para os braços do papa. Por onde ele passou as pessoas o abraçaram, beijaram, aplaudiram e ovacionaram. Seus discursos no Brasil contra a corrupção e cobrando dos políticos que lutem para diminuir a desigualdade social não ficaram só no papel . Diferentemente da maioria dos políticos que prometem muito nas campanhas e entregam pouco quando assume os mandatos, Francisco vive o que prega.

Cientistas políticos e teólogos consideram que a visita do papa Francisco ao Brasil deixou muitas lições para nossos políticos e governantes.

Tudo o que os jovens que foram às ruas, em julho, pedir encontrou eco no papa Francisco. Ele é um governante e um líder religioso que dispensa luxo e usa seu cargo para ajudar os mais pobres e não para se beneficiar. O papa atende e defende sempre os interesses de quem mais precisa. Já os políticos, em geral, atendem os interesses dos que os ajudaram nas campanhas.

Foto Arlete Monteiro

Tanto o patrimônio como a memória são realidades presentes. Não são o passado nem o presente. Podemos dizer que são marcas do passado no presente. Na foto, a Estação Ferroviária Rodrigues Alves, em Piquete, patrimônio histórico municipal e estadual.

História, Patrimônio e Memória

O que vem a ser Memória e Patrimônio, do ponto de vista da História? Vejamos como podemos compreender mais adequadamente esses dois conceitos: memória e patrimônio, a partir de sua etimologia.

A palavra patrimônio é formada por dois vocábulos greco-latinos – "pater e "nomos". A palavra "Pater" significa chefe de família, ou, num sentido mais amplo, os antepassados. Dessa forma, pode ser associada também a bens, posses ou heranças deixados pelos chefes ou antepassados de um grupo social. Essas heranças tanto podem ser de ordem material como imaterial – um bem cultural ou artístico também pode ser um legado de um antepassado. A palavra "Nomos" origina-se do grego. Refere-se à lei, usos e costumes relacionados à origem, tanto de uma família quanto de uma cidade. O "nomos" relaciona-se, portanto, com o grupo social. O patrimônio pode ser compreendido, portanto, como o legado de uma geração ou de um grupo social para outro.

Por sua vez, a palavra Memória origina-se do grego "mnemis" ou do latim "memória". Em ambos os caos, a palavra denota significado de conservação de uma lembrança. Trata-se de um termo presente e utilizado por várias ciências, sendo absorvida pelas novas correntes historiográficas. Para os gregos, a memória estava recoberta de um alo de divindade, pois referia-se à "deusa Mnemozyne, mãe das Musas que protegem as artes e a história".

De acordo com Marilena Chauí, "A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais".

Em princípio, podemos dizer que a história é uma ciência dos patrimônios e da memória. Dentro de uma corrente positivista, ela foi entendida e tida como uma ciência dos monumentos. Daí a frequente utilização do conceito "patrimônio histórico" referindo-se a algum monumento arquitetônico de uma sociedade ou de um grupo social. Mas nisso se manifesta o grande problema: tanto o patrimônio como a memória são realidades presentes. Não são o passado nem o presente. Podemos dizer que são marcas do passado no presente: estabelecem uma ponte entre a fluidez do presente e a inacessibilidade do passado.

Podemos constar que as ações humanas fazem a história e, ao mesmo tempo, manifestam o que o ser humano é capaz de produzir, também chamado de cultura. Mas por que o ser humano produz os elementos culturais? Por que age no mundo? Para deixar sua marca, perpetuando-se não só em sua descendência como também em suas realizações.

Imagem - Memória

O uso da fotografia no ensino de História

Nos últimos anos, a fotografia vem, aos poucos, sendo utilizada nas escolas como suporte para aulas de História, principalmente a que se refere a dos municípios. Ela pode ser um instrumento que fornecerá aos professores importantes recursos que o auxiliarão em sua tarefa de promover a aprendizagem do aluno. Devido às cenas recortadas e representadas na imagem congelada novas informações sobre os fatos históricos contribuirão na formação dos alunos, tornando-os capazes de raciocinar historica e criticamente, com sensibilidade sobre a vida social, material e cultural da sociedade. Tem a fotografia, ainda, o potencial de despertar o interesse dos alunos, predispondo-os a aprender.

Para ensinar com a ajuda de imagens, o professor deve ter em mente que a fotografia funciona como um mediador cultural, ou seja, atua na interação entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos. Esta interação ocorre de forma dialógica, em que está presente a ideia de múltiplas vozes, o contato com várias linguagens para se construir um novo saber.

A iconografia fotográfica, através dos temas abordados ou propostos aos alunos, fornece amplo painel de informações visuais para a compreensão do passado em seus múltiplos aspectos. No entanto, a sua utilização como fonte histórica ou até mesmo como recurso pedagógico, no cotidiano escolar, durante o processo ensino-aprendizagem de História, ainda é bastante restrito.

Guardiãs de memórias, as fotografias são documentos valiosos para recuperar, ainda que de modo fragmentado, os registros de uma época. Delas é possível extrair informações acerca das diferentes formas de viver, pensar, trabalhar e conviver em sociedade, a exemplo do que é feito com documentos escritos. As fotografias podem ser um recurso de reflexão para os alunos, possibilitando-lhes ver aquilo que, lendo, talvez não pudessem concretizar. Para os mais novos, por vezes, prevalece a impressão de que a cidade onde vivem já nasceu assim. Mostram, portanto, quantas mudanças ocorreram – do cotidiano aos grandes acontecimentos – e demonstram quanto ainda é possível mudar no futuro. Para os mais velhos, por outro lado, as fotografias podem estar associadas às lembranças de sua infância ou juventude, além do dia a dia, os modos de vida e os hábitos do passado.

A fotografia deve ser entendida como fonte para a História e a memória social. Nas diferentes escolas do país onde tem sido utilizada na rede pública de ensino, o resultado tem sido positivo e estimulante. A possibilidade da utilização desse suporte iconográfico leva a classe a discutir História a partir de uma proposta de ensino que valoriza a História local – próxima, portanto, da realidade do estudante, que, na maioria das vezes, a desconhece. O conhecimento da História de suas cidades pelos alunos pode ser construído principalmente por meio de memórias trazidas pelas fotografias, que possibilitam explorar vários temas locais: urbanização, trabalho, religião, ensino, futebol, política, eventos sociais, temas que apontam para a inserção da História local no ensino de História.

A utilização das imagens fotográficas para se conhecer o passado jamais deve ser entendida como mera ilustração aos textos. O estudioso Boris Kossoy afirma que "as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou". Portanto, o trabalho em sala de aula com a fotografia possibilita ao aluno uma prática de análise que pode ser inserida num contexto pessoal e também cultural, permitindo-lhe a formação de uma posição com relação às informações visuais que lhe chegam a todo instante e, à sua maneira, treinando seu olhar sobre o presente. O uso da fotografia incorporada à prática pedagógica pressupõe uma escola que contemple nos seus objetivos a necessidade de uma formação integral do aluno.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Valter Paulino

Um professor "das antigas", daqueles que ensinavam, educavam e se distinguiam pelo comportamento e postura diferenciados – a descrição para Valter Paulino.

Longe de ser tão "das antigas", Valter Paulino nasceu em Piquete a 16/03/1951, filho de Nelson Paulino e Tereza Monteiro Paulino. "Nasci pelas mãos de meu pai... Foi uma noite de muita chuva, por isso não teve jeito de minha mãe sair de casa para o hospital...", conta, aos risos... "Nasci pelas mãos de Deus e de meu pai!", acrescenta...

Valter, segundo entre cinco irmãos, conta que teve uma infância maravilhosa: "Imagine o que é crescer numa fazenda, podendo correr descalço entre o gado, andar a cavalo e brincar... Que criança não gostaria?!". Nascido e criado na Fazenda São Miguel, "onde a família está desde antes da emancipação política do município", vai desfiando nomes de amigos com quem brincava... "Alguns se foram jovens, mas muitos estão aí, com família e felizes também... Isso é importante...".

Como muitos contemporâneos, Valter fez o primário no Antônio João. Em seguida foi para o Ginásio Industrial. "Meu pai tinha uma regra: seus filhos tinham que se formar em Mecânica ou em Química", afirma. "Daí que fui para o Ginásio Industrial... Cheguei a fazer estágio na FPV, no 3º Grupo". Mas não era do que gostava e os resultados não foram bons. Foi, então, para o Colégio Estadual, onde concluiu o Ensino Médio. Dando sequência aos estudos, ingressou na faculdade de Estudos Sociais da UNISAL. "Obtive a Licenciatura Curta em Lorena, em 1975. O diploma de Licenciatura Plena teve de ser obtido em Cruzeiro, na FIC, em 1977, porque a UNISAL encerrou o curso", conta. Paralelamente à FIC, Valter cursou o último ano da Escola Normal Livre Duque de Caxias. Em 1976, começou a lecionar na Escola Normal. Eram diversas matérias, todas relacionadas entre si: Sociologia, Relações Humanas, Relações Públicas na Escola e História da Educação... "Desde 1974, já trabalhava na Prefeitura como escriturário e pensei que ficaria por lá... Incentivado, porém, pelo professor Leopoldo, enveredei pelo Magistério... Foi ele que me convenceu a lecionar...", relata. É evidente sua admiração por Leopoldo Marcondes de Moura Netto, reconhecido professor e diretor de tantas gerações piquetenses.

Na "escola do professor Leopoldo" ficou por 25 anos... Lecionou, em séries diversas, matérias como – além das citadas – Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil. "Essas cadeiras me exigiam pulso firme na sala de aula...".

No setor público, lecionou pelo Estado em diversas cidades: Piquete, Guaratinguetá, Cachoeira Paulista, Cunha... E nessas cidades, em diversas escolas... "Cheguei a pegar mais de 40 aulas na semana em paralelo ao trabalho da Prefeitura... Adentrava a madrugada corrigindo provas e preparando aulas... Era uma loucura...". Com toda essa carga horária, ainda encontrava tempo para a diversão: desfilou vários anos no Carnaval no bloco Pé-de-Cana... Também colaborou com o Grêmio General Carneiro, clube do qual foi secretário por cerca de dez anos.

Em 19/07/1986 casou-se com Maria das Graças Rosa Paulino, com quem tem um filho, Wellington Valter Paulino. Na esposa, percebem-se carinho e admiração.

Em 2004 aposentou-se da Prefeitura Municipal, tendo passado por diversas administrações: Christiano Rosa, José Armando, Otacílio, Alaor, Cariri e Carlinhos Sessão... No Estado, encontra-se readaptado no Colégio Leonor Guimarães, mas afastado por complicações do diabetes, que descobriu em 1998.

Os estudos foram uma constante para Valter Paulino... Cursou também Economia e Pedagogia. Ainda que não tenha finalizado esses cursos – sempre por pouco tempo –, percebe-se que sua vida foi pautada no aprendizado e no compromisso com a educação... Aprendeu nos bancos escolares e nas dificuldades e alegrias... Ensinou e educou, com facilidades e entraves, ao longo de toda sua carreira...

Formandos da Escola Normal Livre Duque de Caxias

Ainda hoje, as limitações causadas pela diabetes não o impedem de colaborar com os que buscam nele ajuda para trabalhos escolares... A agradável conversa com o professor Valter Paulino foi longa, mas sustentada por sua alegria contagiante, sua inteligência. Isso sem falar na forma didática com que discorre sobre sua história... Não restam dúvidas: é um "professor das antigas"!

O verdadeiro sábio

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Por que, para tantos, é tão difícil assumir que têm muito a aprender?

Identifico situações em que a arrogância e o ego inflado são os piores inimigos de uma pessoa. Por não terem a humildade de se aceitar em posição de aprendiz, muitas vezes assumem riscos desnecessários e se submetem a situações de stress extremo. É essencial enfrentar desafios, encarar novos horizontes e, obtido o sucesso, desfrutar do prazer de uma meta conquistada. Somente aceitando desafios que nos são impostos galgaremos posições melhores e desfrutaremos de sucesso em nossas vidas. Tem-se, porém, de ser honesto consigo mesmo para avaliar até que ponto prosseguir e, se necessário, exigir prazos para se preparar. Imaginem, por exemplo, um cirurgião recém-formado, sem experiência em determinada cirurgia, que, tendo a opção de acionar um colega mais experiente, aceita uma intervenção cirúrgica somente para não se mostrar despreparado numa posição recém-assumida. Ele está sendo irresponsável. Está colocando em risco a vida de seu paciente e também a própria reputação. É uma situação extrema este exemplo, é claro. Mas, sabemos, há muitos que constantemente assumem cargos e posições para os quais não estão preparados – muitas vezes não têm nem consciência disso; fazem-no em função de um ego excessivamente inflado e não percebem que se expõem ao ridículo.

Assumir desafios é a melhor forma de evoluir. É importante, porém, que ao assumi-los, conheçamos e controlemos os riscos. Desconhecendo esses riscos, é importante que solicitemos tempo para identificá-los e nos prepararmos para enfrentá-los. O diferencial está justamente neste tempo solicitado: há que se cumprir em prazos e metas – este é o verdadeiro desafio.

No mercado de trabalho, somos constantemente testados. Tarefas para os quais não estamos suficientemente aptos nas condições estabelecidas nos são oferecidas. Os sábios, aqueles que valorizam o autoconhecimento, identificarão os riscos e irão impor suas condições para aceitá-las. O esperado é uma postura questionadora que demonstra conhecimento da tarefa, de suas variáveis e dos possíveis desdobramentos. Assumir-se parcialmente preparado demonstra profissionalismo e amadurecimento.

O papa Francisco, no Rio de Janeiro, comentou sobre os extremos do mercado de trabalho: os jovens, com sua gana de aprendizado, e os "idosos", com a experiência a ser transmitida. Francisco ressaltou, em pronunciamento sobre o desemprego, que o mercado não contrata jovens, pela falta de experiência, e dispensa os experientes pela ausência de ambição. Foi preciso um papa para mostrar a incoerência praticada. E é este papa que vem se provando – sem que isso lhe seja necessário – inteligente, perspicaz e ciente do árduo desafio que lhe foi dado, que se mostrou humilde e de ego desinflado: "Orem por mim! Eu necessito muito." O homem que, pela fé católica, é o representante de Deus na Terra, pede que orem por ele; isso, sim, demonstra sapiência.

Memória de 32

Nas efemérides, do tempo transcorrido, a memória de uma luta de glória e sangue de São Paulo, pelo Brasil.

A História trabalhada em pesquisas cada vez mais aprofundadas, fugindo aos estereótipos, às conclusões apressadas e aos modos generalizados a que se aplicam os que, dotados pelo gosto dos relatos, divulgam, enfatiza três elementos destacáveis: a memória, o ressentimento e o esquecimento.

A memória que pertence a todos e é cultivada por alguns é a que invoca Clio, a musa da História, sempre ameaçada por Chronos, o tempo, que a devora e leva ao esquecimento, principalmente quando o ressentimento se sobrepõe para dramatizar as emoções.

Assim pode ser vista a Revolução Constitucionalista de 1932. Da memória cuidam as entidades formadoras e as que emergem do movimento ainda com alguns heróis e heroínas vivos (poucos) e fazem questão de relatar os feitos e as lutas.

Do ressentimento cuidam ainda os que se sentiram de algum modo prejudicados pela instabilidade política, o medo, as perdas, seja de pessoas queridas, hoje no mausoléu, a memória delas, seja dos bens materiais.

Reforçada a lembrança da capitulação, fora os atributos negativos, entre eles, a atribuição do interesse pelo separatismo por parte da intelectualidade e da elite paulista que gerou o movimento e o propagou em forte campanha promocional.

Campanha movida por cartazes apelativos, copiados dos modelos franceses, e a empolgante marca também de origem francesa, – a "Paris – Belfort", que animou o movimento revolucionário republicano francês de 1848, a partir das barricadas de Paris. O apelo "às armas, cidadãos" serviu de mote para a nossa revolução.

E o esquecimento, hoje presente em uma sociedade interessada apenas no feriado estadual para comprazer-se, e o motivo cada vez mais relegado às pequenas citações nos livros de História, nem todos aliás, pois há alguns que nem o registram com destaque, e ainda, pelos esquecidos monumentos das praças cujo nome se perde na falta de interesse dos cidadãos. Sabemos todos, em Piquete, qual é a nossa praça 9 de Julho? E por que recebe esse nome? Um monumento ali colocado homenageia nossos heróis de 1932, da 2ª Guerra Mundial, de Suez e do Haiti.

Em São Paulo, a capital, o obelisco do Ibirapuera rememora o evento nos 62 metros de altura de composição com mosaicos venezianos em cenas de luta e a evocação dos combatentes.

O mausoléu, nele inserido, é o lugar da memória. Junto a ele prestam-se as homenagens nas datas do 9 de Julho.

No Vale do Paraíba, as cidades envolvidas diretamente com o Movimento de 1932, segundo as citações mais correntes são Cruzeiro, Guaratinguetá e Lorena, pelo que tem sido dado com mais destaque. Cruzeiro foi declarada capital do Movimento Constitucionalista de 1932, pelas batalhas dadas no município e por ter sediada a assinatura do armistício de outubro de 1932, pondo fim ao evento. Piquete, por sua vez, não aparece citada entre as cidades dadas como invadidas, nomeadas acima. Entretanto, na memória do povo sempre ouvi dos parentes e amigos, e algumas testemunhas oculares, como Dona Eudoxia de Carvalho, sobre o desatino causado pelos soldados da repressão federal, comandada por Getúlio Vargas. Nos limites da Mantiqueira, Minas estava a postos com as tropas federais. Estes dominaram espoliando os pertences das famílias piquetenses. Ocorrência comum nos diferentes municípios paulistas, campos de lutas. Ouvi relatos pungentes do professor Miguel Reale, ex-reitor da USP e ilustre magistrado, que na Revolução de 32 lutou na frente sul como combatente constitucionalista convicto.

Em Piquete há relatos e fotos que provam essa ocorrência. Casas foram invadidas e saqueadas, assim como o hotel da família do Cel. José Mariano Ribeiro da Silva, chamado Hotel das Palmeiras, – para outros, das Paineiras –, por ter uma bela paineira junto à fachada principal. Elementos da família rememoravam as perdas e as lamentavam revoltados por seus bens materiais dilapidados. Ouvi vários depoimentos de Dona Maria Eufrásia Couto e de sua filha Dona Lily, respectivamente filha e neta do ilustre proprietário do hotel.

Os soldados constitucionalistas, vencidos, com poucos recursos e armamentos, recuaram e renderam-se às tropas oficiais mais poderosas.

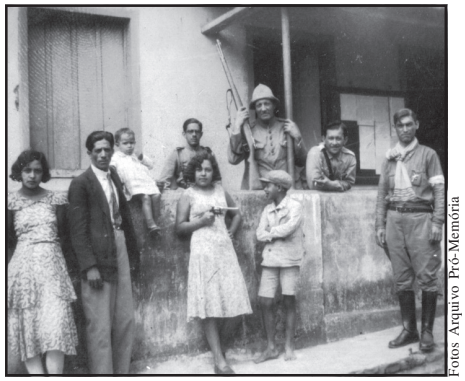
Perdida a batalha, não foi perdida a luta, pois o Constitucionalismo triunfou. Outra conquista foi, no processo de democratização ensejado, o direito de voto às mulheres (1934) que tiveram representante valeparaibana, eleita como parlamentar – a médica Carlota Pereira de Queiroz de família lorenense. A primeira mulher a ocupar cadeira no Parlamento. O papel feminino no evento ainda não foi suficientemente estudado. As mulheres foram "soldados", enfermeiras e animadoras.

Na evocação do movimento, a Rádio Aparecida todos os anos dá destaque, rememorando os principais momentos e o envolvimento valeparaibano. Em São Paulo, o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) promove, anualmente, seminários na semana da comemoração do evento. Neste corrente ano, a 4 de Julho, o Seminário homenageou o historiador e acadêmico Hernâni Donato (in memoriam), este, autor de várias publicações sobre a Revolução, da qual ele, menino, participou, segundo o próprio relato, como estafeta, isto é, distribuidor de mensagens. Deixou uma história da Revolução e vários depoimentos.

A Academia Paulista de História, sediada na CIEE, destacou as palavras do Dr. Ruy Martins Altenfelder Silva, presidente da Academia de Letras Jurídicas, do Dr. Luiz Gonzaga Bertelli, este, presidente da Academia de História e da entidade acolhedora da reunião solene, do Dr. Rogério Amato, presidente da Associação Comercial de São Paulo, e do Cel. Luiz Armando Pesce Arruda, da Polícia Militar de São Paulo, na época, Força Pública. Este, com destaque envolvente da fala e da recorrência aos acontecimentos, mostrou, o forte engajamento dessa unidade militar no movimento paulista.

Em Piquete, o esquecimento vai se firmando. E mesmo os ressentidos que lamentavam as perdas e ironizavam a vitória federalista já não existem mais. Sobrou-nos uma vaga impressão de um dia ter ouvido as lembranças de um avô...

Dóli de Castro Ferreira



Fotos Arquivo Pró-Memória

A reunião dos anjos nos dias idos de julho – a festa

Era uma reunião de anjos. Olhavam atentamente para baixo. E viam um vale rodeado de montanhas com uma porção de gente se agitando cá embaixo.

Um perguntou ao outro:

– O que é aquilo?

– Aquilo é uma cidade – respondeu-lhe aquele para o qual dirigiu a pergunta.

– Uma cidade? Que é isso?

– Uma cidade é um aglomerado de gente ativa, pressurosa, trabalhando e se divertindo. Além disso, uma cidade em festa. Muita gente nas ruas e nos locais determinados do evento. Luzes, cores, sons caracterizavam as ações. Ambos os anjos interlocutores associavam-se na admiração, com eloquência.

– Isto é uma festa, pois não? disse um deles.

– As nuvens afastadas permitiam-lhes a visão clara, tanto a diurna, que estava terminando, e a noturna, começando.

– Nós, como anjos orientados pelo arcanjo Miguel, damos conta da observação que ele próprio solicitou, disse o primeiro.

– E, como somos dotados da sabedoria de todas as línguas e sinais, entendemos as falas e podemos relatar tudo, respondeu o segundo. Eles dizem coisas engraçadas, alguns beberam já bastante. Outros brigam. Os mais calmos saem com as famílias, acompanhados de crianças pequenas, acrescentou.

– Afinal, a dinâmica urbana, como dizem os mestres, é matizada de várias manifestações. Por sinal, você está se lembrando daquelas grandes manifestações das cidades grandes? As pessoas levantavam faixas e cartazes – críticas ao governo, aos partidos políticos, aos grandes eventos nos quais gasta-se mais dinheiro do que nos empreendimentos sociais necessários, ajuntou o primeiro, que, nas hostes da hierarquia militar celeste ocupava cargo de assessoria ao comandante Miguel. Chega um terceiro anjo.

– Vocês estão no campo das observações. Eu dei uma volta lá embaixo e não perceberam. Aliás, não precisamos de asas, como pensa a maioria dos terráqueos, porque somos leves, quase imponderáveis. Como intermediários entre os homens e a divindade sacralizada, estamos em posição privilegiada para avaliar ambas as partes e participarmos dos diálogos entre elas. Os outros dois entreolharam-se assentindo com a cabeça. E um dos dois lembrou:

– Como temos funções específicas, há os anjos da guarda, os custódios ou de custódia. Há os estrategistas, que iluminam cérebros na disputa dos espaços, seja militar ou pacificamente, disse um deles.

Mas, disse-lhe outro:

– Atenção, a noite chegou e as luzes estão mais plenas! A festa vai se acalorar. Os ânimos estarão mais acesos. É preciso vigiar, pois os espíritos estarão mais à solta nas suas preferências, algumas nem tão saudáveis. De repente, lá naquele cercado, que chamam arena, vão fazer uma encenação com touros. É um tanto primitiva a ação, primitiva no que diz respeito aos métodos de submeter os bois ao suplício, para que reajam e permitam aos seus montadores se exibir em demonstrações de força e equilíbrio, vestidos com roupas alusivas à festa, e quando muitas vezes são jogados ao chão e ameaçados de pisoteio, os "caubóis", assim chamados da influência americana, ou vaqueiros como se pode dizer, humilhados, sacodem a poeira e abandonam a pista. O show continua, diz um dos anjos observadores, e daí, a gritaria se acentua com a abertura de um enorme portão, por onde sai um rapaz corcoveando no touro. Outro exibicionista. Até cair, esborrachado, ou triunfar pela submissão do animal. Os aplausos estrugem. A galera, como dizem lá embaixo, urra. As autoridades presentes aplaudem. O apresentador tece palavras elogiosas e grandiloquentes. É o rodeio, do agrado desta população que vive na cidade, com forte tradição rural.

Aí, para completar, o anjo que chegou para se juntar aos dois observadores diz:

– O povo vai sair feliz da arena. O espetáculo terminou, sempre dando graças ao Altíssimo, à proteção de Nossa Senhora Aparecida e em homenagem aos participantes e presentes. Um boa noite acalorado vibra do aparelho do altissonoro – o horário já está mudando a data. Se for o último dos dias e noites da festa, a saudação para o encontro do próximo evento. Um suspiro das moças mais recatadas, encantadas com a braveza dos montadores, ecoa mais veladamente. Outras, esfuziantes, erguem braços e gingam o corpo freneticamente. Que sonhos acalentarão? Uma rapaziada afoita se arvora em olhares sedutores. Se cor-respondidos, valerá a investida e os resultados. Umas bebidas e umas melodias acalentadas pelo gosto do público animado por cantores tornados populares fecha o evento.

O primeiro anjo do diálogo lembra:

– Finalizamos aqui esse campo da observação. Farei o relatório ao Arcanjo. Os humanos dessa parte chamada Piquete serão devidamente avaliados por seu protetor.

Dóli de Castro Ferreira

A Cultura em discussão

As conferências de cultura são uma oportunidade ímpar para que, juntos, a sociedade civil e os governos avaliem as políticas culturais da União, Estados, Municípios e Distrito Federal e façam propostas para seu aperfeiçoamento.

Visando a atender ao Ministério da Cultura (MinC), que incentiva críticas e sugestões ao texto base da Conferência Nacional de Cultura, que acontecerá em Brasília entre os dias 26 e 29 de novembro, foi promovida em Aparecida, no dia 7 de agosto, uma Conferência Intermunicipal de Cultura, que reuniu as cidades de Aparecida, Piquete, Potim e Roseira. De forma organizada e participativa, foram redigidas, debatidas e votadas propostas de alteração no Texto Base previamente distribuído pelo MinC. Esse material será encaminhado para a Secretaria de Estado de Cultura para ser consolidado em nível estadual em novo encontro que deverá ocorrer na cidade de São Paulo. Também foram definidos os dois delegados de Piquete que participarão dessa etapa estadual, programada para setembro.

Uma política pública para a Cultura, se não for bem pensada e implementada, pode não dar em nada. A Conferência Nacional de novembro deste ano será a terceira e há anos vem somando esforços do governo com diversos setores da sociedade civil que representam a cultura brasileira. Por meio dessas conferências, que consolidam inúmeras discussões país afora, busca-se adequar à realidade legislação, conceitos importantes e formas de se garantir a individualidade e a identidade de cada componente da riqueza cultural do Brasil.

A Conferência de Aparecida, realizada no Seminário Santo Afonso, mostrou o interesse dos município em atender às solicitações do governo federal e, acima de tudo, explicitou a preocupação das prefeituras e da comunidade civil com a preservação da cultura da região. Além disso, a realização conjunta proporcionou integração entre as administrações dos municípios e os participantes, reduziu custos e fez com que o documento a ser apresentado em São Paulo ganhasse em conteúdo e representatividade.

Apresentação do Jongo de Piquete na abertura da Conferência

Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Crônicas Pitorescas

Era da vida lascada...

Palmyro Masiero

"Seu" Bentinho, com mais de "setentanos" chegou ao hospital pelas onze horas da noite de um domingo, gemendo ritmadamente. Após o atendimento médico foi levado para a enfermaria. Logo despido e colocado dentro de um pijama surrado – de uma época em que deveria estar gordo, pois, no momento, estava faltando gente para encher a vestimenta de dormir.

Um enfermeiro surgiu e aplicou-lhe uma injeção; depois, aquele mastro pesado com o litrão de soro pendurado ao lado de sua cama de onde saía um fio transparente de plástico que descia até uma agulha enterrada na veia do gasto, mas rijo braço do vetusto senhor que nunca adoecera em anos e anos, mesmo enfrentando, diuturnamente, o duro serviço no campo.

Ficou-se sabendo de sua doença e de sua própria vida por ele mesmo, dois dias depois de baixado, em conversa com os companheiros de quarto. Impressionante – podemos quase classificar como um dialeto caipira – era sua maneira de se expressar. De onde viera, o progresso teve medo de bater! Mas sua doença, segundo explicara, começara com uma "dô nu baxêro" e que "ispaiava" pela "cacunda". Fazia dias que não urinava, apesar de ter tentado, sentando-se em bacia de água quente. A "muié" havia preparado chás de cipó-prata, dente-de-leão, espinho-de-carneiro, fava-do-brejo, quebra-pedra etc. E nada de nada! Tinha apelado pra reza e simpatia, segurando um pedregulho "di ríu" na mão fechada enquanto orava para São Libório... Nem uma gotinha de "miju"... Sem urinar durante dias, as dores se tornaram insuportáveis e deu-lhe uma bruta febre. "Us fio e a muié arresorvero mintrazê prum inzame cum dotô". Pedras nos rins o diagnóstico.

A prosa do "seu" Bentinho era antológica e ainda voltaremos com as palavras e orações ditas por ele e que são verdadeiramente folclóricas. Mas hoje, trataremos apenas de um sonho que lhe acenderam na cabeça. Católico por convicção e de temor, devoto de Santo Antônio e de Nossa Senhora Aparecida, não faltava às missas aos domingos e dias santificados nem que chovessem cavadeiras e picaretas! Os dez "fio" batizados, alguns crismados, davam-lhe um batalhão de compadres. E esses outros lavradores e o atual doente, todos da região, foram convidados pelo vigário da paróquia para ouvirem um padre novo que lhes iria fazer uma palestra.

Reuniram-se na casa do "cumpadi" Antão para escutar o padre que ali compareceria. E ele discorreu sobre a Campanha da Fraternidade e a imperiosa necessidade de uma reforma agrária para acabar com a exploração do homem pelo homem. A reforma agrária, como se sabe, é a Matusalém das promessas eleiçoeiras. Careca de ser falada, cantada, decantada, depurada, projetada e... quase intocada! Dá-se uns titulozinhos aqui e ali, chama-se a TV para mostrar o grande feito e o resto vai na "gambela". As palavras do jovem ministro de Deus ficaram gravadas na cabeça do velho lavrador.

"Seu" Bentinho nascera na mesma casinha em que mora e fazia o mesmíssimo serviço que o pai, há tempos falecido. A fazenda mudara cinco vezes de dono – que ele se lembrava... –, mas a vida ali diariamente gotejava molenga rotina formando calos nas mãos e quase transformando pele em cascos, nos pés; penúria externa e uma fé interior conformativa refletindo justificação preguiçosa e cômoda no seja o que Deus quiser. Gostava da terra, tratava-a com carinho de amante e dela recebia boas colheitas e – sentia ele – toques ou beijos sensórios.

E o padre falou na reforma agrária. A terra poderia ser sua. Brigar por ela. A reunião de todos formaria uma força em busca da justiça social. Eles conseguiriam... E agora aquelas malditas pedras nos rins para infernizar sua vida... Já não era fé o que sentia, mas, sim, uma esperança palpável de possuir, de ser dono de sua terra. O padre falou...

Na enfermaria, estranharam quando se recusou a receber a visita semanal de um sacerdote aos doentes. Algumas beatas tentaram demovê-lo da negativa... Em vão. Não desgrudava de seu argumento:

– "Num adianta vimidá intresmunção queu só morru adispois que a tar de formagáia mi dé minhas terras!"

****

Estação Rodrigues Alves tombada pelo CONDEPHAAT

A Estação Ferroviária Rodrigues Alves foi tombada pelo CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Este ato ratifica o trabalho iniciado em 1982 por um grupo de piquetenses apaixonados pela cidade, que resultou no tombamento municipal em 2002.

Velhos tempos

Edival da Silva Castro

Alguns dias atrás, a saudade de Piquete apossou-se do meu coração. Para dissipá-la tive que ir até lá.

Propositalmente desembarquei na Praça Duque de Caxias, pedaço da cidade que significou muito na minha adolescência. De olhos fixos no Elefante Branco, boas lembranças foram desfilando em minha retina: os fabulosos bailes de formatura, os grandiosos bingos dançantes, diversos eventos esportivos e bailes comemorativos proporcionados pela Direção do Clube.

Desviando o olhar para o prédio onde funcionava o Cine Estrela do Norte e Grêmio General Carneiro, a emoção abateu-me; quando o filme começou a se desenrolar em minha mente, por várias vezes tive que enxugar as lágrimas. Os filmes exibidos eram escolhidos com maiores atenções. As brincadeiras dançantes aos domingos no Carneiro reuniam a juventude ordeira e pródiga. As músicas românticas tinham a preferência de todos; os vinis eram variados: Românticos de Cuba, Os violinos mágicos, Ray Connif, Waldir Calmon – Feito para dançar e, às vezes, o salão sob iluminação tênue, o DJ colocava para rodar Nat "King" Cole em Espanhol. Os casais dançavam aconchegados e murmurantes.

Velhos tempos – belas noites!

IV Encontro Paulista de Jongueiros em Piquete/SP

Dia 25 de agosto de 2013

Local: *Montanhês Clube de Piquete*

Programação:

8h Acolhida

9h Roda de Jongo

9h30min Fala dos Mestres

10h30min Mesa de jovens lideranças
"Jongo e a juventude no aspecto social"
Mediador: Walan – Depende de Nós.

11h30min *"Mulheres negras no contexto brasileiro"*
Palestrante: Alessandra Ribeiro (Campinas/SP)
Mediação: Márcia Cunha (São José dos Campos/SP)

13h Almoço com pagode

15h30min Roda de Jongo (apresentação dos grupos)

18h Encerramento com grande roda de jongo

Bens culturais: um tema a ser valorizado

A cultura não existe isolada no mundo natural, indefinida, sem contato com a natureza. E não é apenas o resultado da História, mas também da Geografia.

A cultura é produto do meio em que o ser humano está inserido. Assim como o conhecimento, ela é fruto da realidade e da necessidade de modificação. A intervenção humana na natureza, intervenção cultural, a modifica, mas também é profundamente modificada por ela.

Por isso, o meio ambiente, quando entendido de um ponto de vista humanista, compreende a natureza e as modificações que nela introduziu e vem introduzindo o ser humano. Assim, o meio ambiente é composto pela terra, a água, o ar, a flora e a fauna, as edificações, as obras de arte e os elementos subjetivos e evocativos, como a beleza da paisagem ou a lembrança do passado, inscrições, marcos ou sinais de fatos naturais ou da passagem de seres humanos.

O interesse pelos bens culturais pode ser restrito ao povo que vive essa cultura, mas pertence também à humanidade, que tem o direito a diferentes culturas ou sociodiversidade.

A sociodiversidade é indissociável da biodiversidade. Ambos são fundamentais para a civilização e a cultura dos povos. A ameaça do desaparecimento do patrimônio cultural é assustadora porque é ameaça de desaparecimento da própria sociedade. Enquanto o patrimônio cultural é a garantia de sobrevivência física da humanidade, que necessita do ecossistema – ar, água e alimentos – para viver, o patrimônio cultura é garantia de sobrevivência social dos povos, porque é produto e testemunho de sua vida. Um povo sem cultura, ou dela afastado, é como uma colmeia sem abelha-rainha, um grupo sem norte, sem capacidade de escrever sua própria história e, portanto, sem condições de traçar o rumo de seu destino.

Da mesma forma que devemos preservar a biodiversidade devem ser preservados os bens que se identificam como uma cultura.

Nos últimos anos, cada vez mais tem-se discutido a valorização do patrimônio sociocultural de uma comunidade e o respeito à sua diversidade social.

No Brasil, historicamente, os grupos dominantes promoveram seu próprio patrimônio, desprezando ou anulando a importância do de grupos subalternos.

Percebe-se, com isso, o quanto é necessária uma abordagem que debata como se constitui o patrimônio cultural nacional e que ressalte a importância desse patrimônio para a formação de uma memória social e nacional sem exclusões e descriminações.

Para a grande maioria das pessoas, considera-se patrimônio apenas os monumentos associados aos grandes feitos e à produção cultural das classes dominantes. Por isso, para que jovens e adultos adotem uma postura que valorize o patrimônio sociocultural como bem coletivo é preciso que se promova o debate sobre o significado de festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos e áreas preservadas.

É nas escolas que o tema patrimônio sociocultural deve ser discutido. Uma atividade interessante que poderia ser aplicada aos alunos consiste em sair pela cidade a fim de que dirijam um olhar ao seu entorno, observando a paisagem, analisando ruas, praças, edifícios e monumentos, além de manifestações folclórico-culturais. Assim, conhecerão os "lugares de memória" erguidos pela sociedade e poderes estabelecidos que determinam o que deve ser preservado e relembrado e o que deve ser silenciado e esquecido. Visitar esses locais pode instigar debates sobre como ocorre a preservação do patrimônio histórico-cultural e suas relações com a memória e a identidade locais, regionais e nacionais.

Afirma-se que o "direito à memória" faz parte da cidadania. Por isso, é preciso estimular os alunos a reconhecerem, a partir de sua própria localidade, os bens culturais, e a lutarem pela preservação tanto dos considerados eruditos quanto dos chamados populares.

Fotos Arquivo Pró-Memória

Reprodução

Francisco: uma utopia possível

Deixou profunda e positiva impressão a visita do papa Francisco ao Brasil. Calmo, simpático e com carisma singular, atraiu multidões desde seu desembarque no Rio de Janeiro até a partida de volta para Roma, após o término da Jornada Mundial da Juventude, uma semana depois.

Francisco conquistou a admiração de católicos e não católicos. Como líder religioso, mostrou-se um pastor ciente de seu ofício e, certamente, recolheu para seu aprisco novas e antigas ovelhas que se encontravam desgarradas de seu rebanho. De maneira simples, dialogou com todos. Conversou de igual para igual com as pessoas. Tratou de temas teológicos complexos com uma fala mansa e amiga capaz de derreter qualquer predisposição contrária aos ensina-mentos do Evangelho. Deixou, entre tantos estímulos espirituais, éticos e religiosos, a constatação de que a simplicidade e o senso comum são poderosos aliados das ideias.

Questionado sobre os protestos ocorridos por todo o Brasil em julho, o papa Francisco enfatizou desconhecer as causas das manifestações. Ressaltou, porém, que gosta de ver a juventude protestar. Afirmou que "um jovem que não protesta não me agrada, porque o jovem tem a ilusão da utopia. E a utopia não é sempre ruim. Utopia é olhar adiante. O jovem tem mais energia para defender suas ideias. O jovem é essencialmente um inconformado. Isso é comum a todos os jovens. Eu diria que é preciso escutar os jovens e cuidar para que eles não sejam manipulados".

O pontífice por diversas vezes disse que a política mundial "está muito impregnada pelo protagonismo do dinheiro. Quem manda hoje é o dinheiro, isso é uma política mundial". Segundo Francisco, a primazia do dinheiro "descarta" o que chama de dois extremos da população: os jovens e os idosos. Para sustentar esse modelo descartam esses extremos que, curiosamente, são as promessas do futuro. "Descartados os dois, o mundo acaba, porque o jovem é o futuro e o idoso é quem vai transmitir a sabedoria necessária."

Francisco falou, ainda, da necessidade de "dar testemunho de certa simplicidade e, inclusive, da pobreza. Nosso povo exige pobreza dos padres. Não é um bom exemplo um padre andar de carro do último ano, de marca".

Sincero e coerente em seus pensamentos, um papa nunca foi tão direto e claro nas conversas com jornalistas, nas mais espinhosas perguntas por eles feitas. Essa sinceridade de Francisco mudará, com certeza, o comportamento do Igreja e atrairá fiéis.

****

Pobres vândalos

Genserico se sentiria envergonhado ao constatar que, nos dicionários, o verbete vândalo remete ao significado "o que destrói monumentos e objetos importantes"; ou "inimigo das artes e das ciências".

Os revisores da História afirmam que de Roma, que foi atacada por mar no ano de 455, os vândalos só levaram o que os romanos haviam roubado no Oriente.

E, tanto nas ilhas – Sicília, Sardenha, Córsega, Baleares –, como no norte da África o relacionamento com os antigos moradores foi mais amigável e produtivo do que sob o jugo romano.

Os vândalos, germânicos asdingos e salingos, se manifestaram nas áreas romanas desde 406, quando atravessaram o Reno e se instalaram na Gália e na Espanha. Atravessaram Gibraltar e dominaram o norte da África até 534, quando Gelimer foi derrotado por Belisário e a África tornou-se bizantina.

Os vândalos brasileiros, principalmente os paulistanos e cariocas são avessos à cidadania, não merecem estar sob um governo democrático.

A democracia permite a livre manifestação.

Se a alguém é conferido o direito de mostrar insatisfação com Presidentes, Governadores, Prefeitos e membros da Assembleias, por que fazê-lo com ofensas que atingem o povo que os elegeu?

Se são numerosos os meios para tornar públicas opiniões e reivindicações, por que apelar para a violência?

A força é a negação do argumento.

Quando alguém se recusa a argumentar e recorre à força, desfigura a cidadania.

Os vândalos brasileiros, quando quebram vidraças, arrombam portas, queimam lixeiras, arrancam placas, comprometem a cidadania, declaram não estar preparados para viver em um país democrático.

O que está ocorrendo nas manifestações de rua é muito perigoso.

A convocação **vai quem quer** cria um grupo que não assume responsabilidade. Quem pode garantir que a manifestação pacífica não é uma retaguarda poderosa para a ação de criminosos?

Se a passeata é de bancários, professores, centrais sindicais, podem estes ser responsabilizados caso haja desmandos.

É muito cômodo acusar a Polícia de violência. À Polícia cabe impedir o crime e reprimir caso esteja em andamento.

A ninguém é permitido depredar o patrimônio público ou privado. A ninguém é permitido invadir uma residência, um estabelecimento comercial ou um órgão público.

A quem usa o argumento da força deve ser negada a força do argumento.

Que ninguém dê ouvidos a depredadores e invasores. Que sequer sejam interrogados pelas autoridades.

A autoridade competente deve abrir com presteza um canal para atender aos interessados. Mas negar-se veementemente a dialogar com pessoas despreparadas para a cidadania.

Seguranças e Policiais precisam mantê-los sem ação nos locais que escolheram para demonstrar sua incapacidade para agir como cidadãos. Até que a autoridade competente tome as medidas cabíveis.

Por que não criar uma Delegacia "ad hoc" em uma viatura para apanhar os inimigos da democracia com a boca na botija?

Genserico, o comandante vândalo que os romanos descreviam como anão, manco e cruel, certamente não avalizaria o comportamento dos vândalos brasileiros.

Abigayl Lea da Silva